

POR UMA ABORDAGEM CRÍTICA E EXPLANATÓRIA DO DISCURSO

Maria Izabel S. MAGALHÃES (Universidade de Brasília)

ABSTRACT: The main purpose of this paper is to discuss the approach adopted in my research of the Rezas and Benzeções (healing speech activities in Brazil). I view discourse as part of specific social conditions that should be taken into account, so I am concerned here with the adequate representation of the healers' social world. Therefore, I suggest that the investigation of discourse be supported by ethnographic field work and comment on the strategies adopted in my data collection. A detailed description of the methods is offered. In addition, I argue for the interpretation, critique and explanation of discourse. I propose to follow such an approach by examining local community norms as indicators of participants' values and ideology.

0. Introdução

Na tentativa de explicar os dados, os pesquisadores frequentemente levantam questões relacionadas à verdade de suas inferências ou à validade da interpretação¹. Essas são questões complexas com respostas diferentes, dependendo da abordagem.

No que se segue, examino algumas dessas questões e discuto a abordagem adotada em minha pesquisa das Rezas e Benzeções, realizada nas cidades satélites de Brasília-DF, de 1981 a 1983 (Magalhães, 1982 e 1985). Tal abordagem do dis

curso pode ser considerada etnográfica, interpretativa, crítica e explanatória, na linha proposta por Souza (1983), Candlin (1983) e Fairclough (1984).

1. As dificuldades de uma pesquisa interdisciplinar

Foram grandes as dificuldades que tive para analisar os dados dentro dos paradigmas correntes em Análise do Discurso. Alguns dos estudos desta área não se baseiam na investigação empírica dos fenômenos sociais (e.g., os analistas que trabalham principalmente com a língua escrita, chamados de *gramáticos do texto*, como Van Dijk, 1977 e 1981); alguns estão apoiados em idealizações da vida social, ignorando as práticas (e.g., Sinclair e Coulthard, 1975). Por outro lado, os chamados analistas da conversação focalizam seus interesses exclusivamente nas práticas (e.g., Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974). (Ver crítica desses estudos em Levinson, 1983, cap. 6.)

As idealizações da vida social, denominadas "ideações"² (*ideations*), "noções" ou "normas", são insuficientes para explicar o discurso. O mesmo ocorre com as práticas ou "ações". As primeiras estão relacionadas ao estudo do "conhecimento" dos participantes, do que eles pensam. Ao contrário, as segundas procuram investigar suas ações "reais" ou "observáveis". Vem daí o termo "observação participante", derivado da antropologia: o antropólogo observa mas também tenta participar das situações de vida reais dos indivíduos que observa (ver seção (3.1) abaixo).

Com relação ao estudo das normas e ações, assinalam Holy e Stuchlik (1983: 21-2) que o

investigador pode concentrar sua pesquisa no domínio das normas ou no domínio das ações, mas tal decisão poderá resultar em uma representação parcial, e mesmo em uma deformação, da vida social. Para resolver esse problema, sugerem esses autores que seja enfatizada a relação entre os domínios. Estudos recentes procuram explicar o discurso em termos de uma relação dialética entre normas e ações (Candlin, 1983; Candlin e Lucas, 1984; Fairclough, 1984). Tais estudos se posicionam contra a "deformação" da vida social a que se referem Holy e Stuchlik acima.

Entretanto, dada minha escolha de dados mágicos e a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, colocava-se diante de mim a tarefa de realizar um estudo antropológico com uma perspectiva do discurso. Essa tarefa exigia a conciliação entre o que às vezes me parecia serem abordagens opostas à análise dos dados. Assim, para que os dados fizessem sentido em uma perspectiva do discurso, apresentei-os na forma de um modelo abrangente (ver Magalhães, 1985, cap. 6). Os modelos, porém, não capturam as sutilezas de variações nas práticas. Tentei resolver esse problema com um comentário dos aspectos variáveis das Rezas e Benzeções. O modelo abrangente e o comentário dos aspectos variáveis representam uma pequena contribuição ao estudo das relações entre normas e ações.

Um ponto crítico foi relacionar esse modelo à interpretação antropológica. Procurei desenvolver esse ponto com a análise da capacidade comunicativa dos participantes em termos de estratégias discursivas e do domínio de diferentes "quadros de referência" (*frames*) (ibid.: cap. 7). Proponho que as benzedeadas estabeleçam sua liderança na comunidade pelo equilíbrio entre os eixos de poder e solidariedade

(Brown e Levinson, 1978) em um *continuum* de estratégias. Entretanto, ainda podemos argumentar que qualquer interpretação, mesmo apoiada em evidências, representa a visão particular que o pesquisador tem das ações dos participantes (Cicourel, 1973). Portanto, o que também tentei fazer na análise foi examinar as contradições entre minha própria interpretação e o ponto de vista dos participantes³.

2. Análise do Discurso

2.1. Importância do contexto sócio-cultural

Nesta seção, discuto problemas relacionados ao corte metodológico e proponho o estudo do discurso em um contexto sócio-cultural específico. Cicourel (1980 e s.d.) coloca várias questões importantes a respeito da condução de pesquisas em Análise do Discurso. Ele considera os fenômenos discursivos ligados a condições sócio-culturais mais amplas e distingue o que chama modelo "superior-inferior" (*top down*) e modelo "inferior-superior" (*bottom up*). O modelo "superior-inferior" explica partes do discurso, como, por exemplo, os propósitos, em termos de hipóteses mais gerais sobre o ambiente e os participantes envolvidos. Ao contrário, o modelo "inferior-superior" considera fenômenos de superfície, como os procedimentos para a tomada da palavra. Essa última abordagem geralmente ignora o contexto sócio-cultural.

Cicourel argumenta que ambos os modelos são incompletos, pois, em reais encontros comunicativos, os participantes usam vários níveis de informação simultaneamente. Tal constatação leva Cicourel a sugerir que uma análise adequada do discurso deve incluir vários níveis de abs

tração e, acima de tudo, deve estar apoiada em uma pesquisa de campo de natureza etnográfica. Conseqüentemente, ele emprega o termo "abdução", um processo de inferência através do qual podemos formular uma hipótese para *explicar um fato observado*. (O conceito teve origem no trabalho de Peirce, 1933-1960)⁴. Isto é, ele propõe combinar a indução e a dedução, o que permite estabelecer "hipóteses de trabalho". Estas hipóteses podem ser reformuladas se não forem comprovadas, até que os dados sejam explicados de forma adequada.

Um ponto crucial na sugestão de Cicourel é a conceituação do discurso como :

"part of more complex sociocultural conditions. These conditions can provide organizational information of a conceptual nature that specify constraints for our analysis of discourse and textual material."

(Cicourel, 1980: 122)

Essa conceituação pressupõe restrições sócio-culturais sobre o discurso e, portanto, enfatiza as relações entre os aspectos lingüístico, cognitivo, social e cultural no estudo da língua no contexto social. Ao sugerir esses diferentes níveis de análise, Cicourel demonstra o mesmo tipo de preocupação de Holy e Stuchlik (citados acima, seção (1)): a busca de um método que possa "representar a vida social de um modo mais completo" (Holy e Stuchlik, 1983: 22). A necessidade de validar a interpretação do investigador pode ser resolvida em parte pela "triangulação": a combinação de diferentes tipos de amostragem (ver Stubbs, 1983).

2.2. Análise do discurso crítica

Recentes estudos de Candlin (1983) e Fairclough (1984) propõem, para a Análise do Discurso, um avanço da descrição à explicação. Esses estudos tratam o discurso como o produto de relações dialéticas entre normas e ações e são avaliações importantes de trabalhos anteriores e, além disso, uma orientação significativa para futuras investigações.

Candlin sugere que o discurso deve ser *interpretado e explicado*. Propõe também que a interpretação e a explicação podem ser efetuadas mediante referência aos objetivos comunicativos dos participantes e exploração das condições sócio-culturais que determinam interpretações particulares. O ponto levantado por Candlin, em minha opinião, é que a interpretação das ações sociais feita pelo analista (apoiada no ponto de vista dos participantes) só é realmente válida se, em um nível mais denso, elas forem analisadas como "modos de fala" não questionados ou normas. É tarefa do analista "desmascarar" essas normas, consideradas por Candlin "powerful indicators of social view and group values" ou "insidious metaphors for particular ideologies" (ibid.:6). Observe-se que tais ideologias podem não ser aparentes no discurso dos participantes (por exemplo, nas discussões em Gumperz, 1982a e 1982b), pois eles não têm consciência delas: devemos buscá-las não "no que se diz mas no que não se diz" (ibid.:7). Em suma, devemos examinar o que Souza (1983) denomina *ato ideológico*. Este tipo de ato comunicativo tem duas características:

- (a) é diretivo, na medida em que se relaciona a valores e interesses de uma sociedade ou de um grupo dominante;

(b) estabelece uma relação *implícita* entre a linguagem e os valores e interesses sociais, pois para sua concretização é fundamental que o usuário não tenha consciência da função diretiva da linguagem. (Ver também Chauí, 1981).

Também preocupado com os atos ideológicos, que chama de "formações discursivas-ideológicas"⁵, Fairclough (1984) coloca duas questões: Como as pessoas podem não ter consciência de que empregam "modos de fala" socialmente determinados e quais os efeitos disso. Ele sugere que esses pontos só poderão ser examinados adequadamente em um projeto que procure integrar a abordagem micro (*bottom up*) e a macro (*top down*) (ver seção (2.1) acima). Tal integração é possível se a pesquisa focar instituições sociais, e.g., a família, a escola, a igreja, os tribunais. Estas instituições ocupam, para ele, uma posição "pivô" entre os níveis superiores da estrutura social e os níveis mais concretos, os das ações sociais.

Fairclough sugere que nas instituições sociais há um pluralismo de "formações discursivas" e "formações ideológicas". Além disso, considera que tal pluralismo está ilustrado na "luta" entre forças conflitantes e na dominância de um discurso e de uma ideologia particulares, que ele combina na noção de "formações discursivas-ideológicas". Ao propor esta noção, defende que uma pesquisa explanatória deveria ter como objetivo a revelação das "formações discursivas-ideológicas" que constituem o discurso sob investigação. As "formações discursivas-ideológicas" podem mostrar as relações dialéticas entre as normas e ações (ver seção (1) acima).

3. A abordagem das Rezas e Benzeções

A pesquisa das Rezas e Benzeções é um *estudo de caso*, termo que defino como a observação das características individuais dos participantes de sessões das Rezas e Benzeções: as benzedeadas e as clientes⁶. Meu objetivo foi realizar uma análise qualitativa (definida abaixo) dos fenômenos em questão que me permitisse fazer generalizações sobre a natureza e função dessas práticas no contexto das cidades satélites de Brasília.

Os principais métodos empregados foram: (a) observação participante; (b) gravações (áudio e vídeo) de sessões das Rezas e Benzeções; (c) entrevistas focalizadas; (d) gravações de conversas autênticas dos participantes. Combinei vários métodos na tentativa de conferir *validade* aos resultados e evitar "the dangers of going native" (Cohen e Manion, 1980: 104), i.e., um envolvimento tão próximo com as atividades dos participantes que viesse a afetar os resultados.

Os métodos descritos acima são de natureza *etnográfica* (qualitativa). Segundo o antropólogo Geertz (1978: 31), a descrição etnográfica tem quatro características: é interpretativa; interpreta "o fluxo do discurso social"; tenta recuperar o "dito" em uma forma adequada à análise; é microscópica. Algumas dessas características foram discutidas na seção (2) acima.

3.1. Observações participante

Neste tipo de observação, o investigador participa das atividades que observa (Cohen e Manion, 1980: 104); torna-se um "membro do gru

po". É como tal que ele *anota* o discurso e o transforma em *relato* (i.e., fixa o discurso em uma forma que possa ser analisada — ver Geertz, op. cit.: 31). No caso estudado aqui, a observação participante foi realizada nas minhas visitas às benzedeadas na condição de cliente. Eu "pedia uma benzeção", exatamente como fazem as clientes regulares. Entretanto, ao contrário de outros investigadores de estudos de caso, não ocultei minha identidade; as benzedeadas sabiam quem eu era, mas muitas me atribuíam o *status* de membro do grupo também por causa de minhas visitas frequentes e de meu grande interesse no que tinham para relatar. Milroy e Margrain definem o *status* de membro do grupo como a integração no "grupo local" (a expressão é de Blom e Gumperz, 1972). Define-se tal integração em termos da contração de relações e da adoção de valores que distinguem esse grupo da comunidade nacional (Milroy e Margrain, 1980: 44). Em termos práticos, "adotei a crença" na qualidade curativa das Rezas e Benzeções e conversava com as clientes como se realmente acreditasse nos efeitos mágicos do ritual. Outra estratégia que desenvolvi foi levar as pessoas que expressavam um interesse nessas práticas para serem benzidas pelas benzedeadas que conhecia. Também aceitava visitar as benzedeadas recomendadas por essas pessoas.

Quanto ao grau de estrutura da observação, comecei com observações não-estruturadas. No início da pesquisa, observava e gravava o benzeamento e, concluída a sessão, conversava informalmente com a benzedeadas a respeito de sua atividade e mesmo a respeito de sua vida pessoal quando a conversa seguia esse rumo. Não tinha, porém, uma hipótese que explicasse o "poder de cura" do discurso das Rezas e Benzeções. Só mais tarde, após a leitura de

Malinowski (1935), que estabeleceu os pressupostos para a análise do discurso mágico, e após a discussão do assunto com antropólogos e sociolinguístas, é que comecei a desenvolver idéias que podiam explicar os dados.

Bailey (1978) identifica as vantagens da observação participante:

- (i) O pesquisador pode observar o comportamento dos participantes no próprio jogo interacional e tomar notas.
- (ii) O observador pode estabelecer uma relação íntima com eles, uma vez que a observação em um estudo de caso geralmente é realizada em um longo período de tempo.
- (iii) Ao contrário de outros métodos de coleta de dados, como, por exemplo, experimentos, em que os dados podem ser distorcidos, os estudos de caso são livres de reações dos participantes, na medida em que são produtos de uma longa relação humana.

Denzin (1970) emprega o termo "indução analítica" para denominar uma estratégia geral na observação participante. Proponho algumas etapas dessa estratégia :

- (i) Formula-se uma definição provisória do fenômeno sob investigação.
- (ii) Formula-se uma hipótese provisória.
- (iii) Testa-se a hipótese em um caso para verificar se está formulada adequadamente.
- (iv) Se a hipótese não explicar os fatos, deve ser reformulada.
- (v) Após o estudo cuidadoso de vários casos, o pesquisador está quase certo de que a hipótese está correta, mas cada caso negativo requer uma reformulação.
- (vi) Os procedimentos acima devem continuar, até que ele esteja totalmente "certo". Esta palavra está entre aspas porque se

houver um caso negativo, a hipótese será refutada.

E, para completar a estratégia de Denzin, acrescento o seguinte :

(vii) Se a hipótese não for refutada, pode-se estabelecer uma previsão geral.

Willis (1980: 94) sugere as seguintes técnicas para a observação participante:

- (i) participação;
- (ii) observação;
- (iii) participação como observador;
- (iv) observação como participante;
- (v) "estar junto" (*just 'being around'*);
- (vi) discussão de grupo;
- (vii) gravação da discussão de grupo;
- (viii) entrevista não-focalizada;
- (ix) gravação da entrevista não-focalizada.

É particularmente relevante a distinção entre "participação" e "observação", pois chama atenção para o sentido real do método. Em meu trabalho de campo, também foi muito útil o que Willis chama "estar junto". O fato de estar presente no local de pesquisa em momentos inesperados me fez refletir sobre o que não compartilhava com os participantes. É esse tipo de exploração que traz a *reflexividade* ou seja o *conhecimento novo*, adquirido através do gradual refinamento da observação à medida em que se retorna ao campo (Willis, 1980). A frequência com que voltei ao campo, sem dúvida, aprofundou minha percepção do mundo social das benzedeadas.

Outra estratégia útil foi o registro de minhas observações na forma de notas, especialmente nas primeiras visitas, quando me preocupava a formulação de uma explicação hipotética para as Rezas e Benzeções. Assim, após a visita às benzedeadas, redigia um relato do que ob

servara e tentava relacioná-lo a observações anteriores. Sempre que havia pontos que deixavam dúvidas, anotava-os como *lembretes* de informações a serem verificadas. Tal processo assemelha-se ao que King (1979) denomina "a busca das exceções", i.e., a busca de formas de invalidação de uma hipótese provisória.

3.2. Gravação de sessões das Rezas e Benzeções

A gravação da fala causa um problema teórico bastante discutido na pesquisa sociolinguística (Labov, 1981: 3), o "Paradoxo do Observador" ou o "Efeito do Experimentador": "to observe how people talk without being observed". Labov usa o termo "Paradoxo" porque até hoje é impossível resolver esse problema completamente, embora algumas tentativas de solução tenham sido sugeridas. Por exemplo, Cicourel (s.d.), em sua pesquisa realizada em Buenos Aires, tentou neutralizá-lo, disfarçando o gravador em uma pasta. A família em estudo sabia que podia estar sendo gravada mas não foi informada quando o gravador seria ligado.

Como Cicourel, adotei algumas estratégias com vistas a minimizar o "Paradoxo do Observador". Meu primeiro contato com uma benzedeira era geralmente precedido da visita de um membro do grupo local com o objetivo de sondar a boa vontade da benzedeira para cooperar com a pesquisa. Entenda-se que um membro do grupo local é um indivíduo que pertence à comunidade da benzedeira e integra seu círculo de comunicação⁷, ou uma de suas clientes regulares. Após essa sondagem inicial, eu fazia minha primeira visita, geralmente acompanhada da pessoa que servira de contato.

No começo da sessão, a benzedeira parecia

sentir a presença do gravador⁸, o que podia ser notado em sua voz e também por causa do fenômeno que Labov (1972) chama de "hiper-correção". Um exemplo de "hiper-correção" nas gravações é a produção de "olhado" como "oliado" em lugar de "oiado", a forma mais comum em português não-padrão. Portanto, até certo ponto, minha presença era sentida no início da sessão, mas isso não parecia funcionar em termos de uma visão *êmica* das Rezas e Benzeções (Hymes, 1974: 11).

Labov define o "estilo casual" como o modo de fala que pode ser observado quando as pessoas não prestam atenção à forma como falam e se concentram no conteúdo (Labov, 1966: 73). Sugere ele que a alternância para o estilo casual é marcada por "indicações do canal", i.e., as modulações da voz que afetam a fala. (A noção de "indicações do canal" / *channel cues* é derivada de Hymes, 1967). Essas modulações da voz estão relacionadas ao tempo, à intensidade, ao volume e à frequência da respiração. No desempenho das Rezas e Benzeções, ocorrem determinadas mudanças na produção da voz que indicam a alternância para um estilo mais espontâneo. Um exemplo dessas mudanças na voz é a diminuição de volume que, geralmente, torna quase imperceptível a recitação final das fórmulas mágicas. Para explicá-las, proponho um princípio que chamarei de Princípio da Concentração :

Quanto mais a benzedeira se concentrar no ritual, tanto mais poderá ocorrer mudança na qualidade de sua voz e tanto mais poder terá sobre a cliente.

A benzedeira se concentra para que possa produzir um efeito perlocucionário na cliente (ver Magalhães, 1985, cap. 4). Essa necessida

de de concentração gradualmente faz com que ela dirija a atenção do gravador para o ritual. É importante observar como funciona o ritual, pois é precisamente uma exigência do ritual que ocasiona relaxamento no desempenho da benzedeira. Durkheim (1912, 1954: 41) define ritual como as normas que prescrevem o comportamento do homem na presença das coisas sagradas. Leach (1968: 525) compara o poder do ritual ao poder de comandos. Também diz que a ação ritual expressa o *status* do ator no meio físico e social e, além disso, pode alterar tal *status*. Quando o ritual assume esta última característica, é uma manifestação de poder. O Princípio da Concentração apresentado acima está apoiado na deferência especial exigida pelo sagrado e no temor de perda do "poder ritual". Permita-me lembrar que se a benzedeira for distraída do ritual pelo gravador, provavelmente terá de recomeçar, pois poderá esquecer partes essenciais. Isso acontecia com frequência nas sessões simuladas, de modo semelhante ao ato de contar ou cantar, o que sugere que o ritual envolve uma série de passos encadeados. Assim, para dizer a Missa adequadamente, o padre terá de observar uma seqüência de passos: (1) preparação do altar; (2) preparação das vestimentas; (3) preparação do celebrante; (4) colocação das vestimentas; (5) caminhada até o altar (Fortescue e O'Connell, 1962: 52). Se o padre não se concentrar na seqüência, acabará indo para o altar sem as vestimentas e, neste caso, a Missa estaria invalidada.

A concentração da benzedeira na seqüência de passos faz com que ela relaxe a pronúncia, o que a traz de volta ao vernáculo. Então, de certo modo, o "Paradoxo do Observador" foi resolvido nas primeiras gravações. Isto foi confirmado em gravações posteriores.

Gravei sessões genuínas das Rezas e Benzeções. Também gravei sessões simuladas, i.e., sessões realizadas a meu pedido. As sessões simuladas tiveram o objetivo de re-examinar os dados para conferir validade à análise. Não formaram o *corpus* principal como no estudo de Edmondson (1981). Não foram incluídas na categoria de sessão simulada as sessões em que participei como cliente ou aquelas em que acompanhei uma cliente.

3.3. Entrevista focalizada

A entrevista é uma interação face-a-face que tem um propósito; geralmente é assimétrica, em virtude de o entrevistador desempenhar um papel mais ativo e poderoso que o entrevistado (Madge, 1953). Segundo Madge, há quatro tipos principais de entrevista: formal, informal, não-diretiva, focalizada. Na entrevista formal, faz-se o registro das perguntas estruturadas seguidas das respostas. Na entrevista informal, o entrevistador discute questões importantes com o entrevistado em um estilo coloquial, sem recorrer ao questionário. Ao contrário da entrevista formal, a entrevista não-diretiva requer uma participação mais ativa do entrevistado que do entrevistador. Finalmente, a entrevista focalizada retém as qualidades positivas da entrevista não-diretiva, porém é mais precisa e econômica, pois o entrevistador especifica as informações relevantes buscadas nas respostas. As estratégias da entrevista focalizada foram discutidas pela primeira vez por Merton e Kendall (1946), que identificaram as características desse tipo de entrevista: não-direcionamento, especificidade, amplitude, profundidade e contexto pessoal. Mais recentemente, Cohen

e Manion (1980: 259) chamaram a atenção dos pesquisadores para um ponto crucial nesse tipo de entrevista : a análise prévia da situação dos sujeitos envolvidos.

Decidi adotar a entrevista focalizada. No início da pesquisa, nada sabia sobre as atividades das benzedadeiras, então deixava que falassem sem direcionar a interação; mas logo alguns temas importantes emergiram e me propus a aprofundá-los. De modo geral, achei que a entrevista focalizada era a estratégia mais produtiva porque ao mesmo tempo em que deixava os participantes à vontade também permitiu uma maior especificidade nas questões discutidas. Segue um exemplo :

Entrevista focalizada na pesquisa das Rezas e Benzeções

Neste excerto, focalizo a discussão nas palavras que caracterizam a "Benzeção contra Quebranto".

- (1) P: Quais são as palavras que a senhora considera de Quebranto ?
- (2) B: Ah é com Deus com tr—— com dois posso (pôs) com três eu tiro é essa.
- (3) P: Toda benzedeira usa essas palavras? Tem de usar essas palavras ?
- (4) B: Muito bem. Quem me insinou era agora outras pessoa eu num sei né? Mais quem me insinou minha sogra e essa mulher velha é essa.
- (5) P: A senhora acha que são essas palavras ?
- (6) B: É. É essa que elas benzia os meus filho.

Observe-se que as perguntas (3) e (5) aprofundam a questão, orientando a discussão para os procedimentos interpretativos das benzedadeiras

(ver Widdowson, 1979; Candlin e Lucas, 1984; Magalhães, 1985). A resposta (4) indica que tais procedimentos interpretativos estão intimamente relacionados aos valores e às crenças da coletividade. A entrevista focalizada permite, assim, a explicitação dos procedimentos interpretativos dos participantes, o que, sem dúvida, contribui para tornar a análise mais densa.

3.4. Gravação de conversas autênticas dos participantes

Quando visitava as benzedeadas, costumava deixar o gravador ligado durante toda a visita. Tal procedimento me permitiu gravar suas conversas com as clientes. Estas conversas constituíram uma fonte inestimável de informações para avaliar a relação entre as benzedeadas e as clientes. Abaixo discuto alguns exemplos. Refiro-me a eles como *proposições*.

Proposições são enunciados recorrentes (Labov e Fanshel, 1977). Podemos resumí-las assim :

FÊ Tudo se faz com a fê.

Esta proposição ilustra o ponto de vista das benzedeadas a respeito das Rezas e Benzedeadas. Ela ocorre com frequência em vários pontos dos dados e forma um tema significativo. Os exemplos que apresento abaixo lançam um pouco de luz sobre o mundo social em questão.

- (1) C.A.T.: basta a fê, tá curado
- (2) M.B.J.: a fê é o que vale
- (3) G.R.G.: depende da fê e da confiança
- (4) J.M.S.: aquela pessoa que vem pra mode a gente benzer, vem com aquela fê de ficar bom e a benzedeadas benze com fê daquela pessoa fi cá bom, a reza vai servi

Para as benzedeadas, a cura é uma questão de fé. B.M.J. explica : ela confia em Deus e a cliente sara. Essa invocação do poder sobrenatural está acima de todas as formas de poder humano ou demoníaco. Ela pode neutralizar o mal causado por seres humanos ou espíritos maus (ver Magalhães, 1985, cap. 2). A fé das benzedeadas em Deus pode produzir a desejada recuperação das clientes mesmo se elas não estiverem presentes no ritual. Não se pode explicar esse tipo de cura. Temos de aceitar a opinião dos participantes de que a fé *pode* curar. A questão se resume em estarmos ou não no quadro de referência apropriado, no qual os símbolos têm o poder de efetuar mudanças na realidade (ver Malinowski, 1935; Magalhães, 1985, cap. 5).

4. Conclusão

Para uma análise crítica e explanatória do discurso das Rezas e Benzedeadas, deve-se levar em consideração o fato de que ele reflete condições sociais específicas, na linha de argumentação sugerida por Candlin (1983) e Fairclough (1984) (ver seção (2.2) acima). De modo muito significativo, as proposições são exemplos de como o discurso pode refletir "formações ideológicas" (no sentido discutido por Fairclough) não questionadas pelos participantes. No contexto das Rezas e Benzedeadas, a religião e as normas comunitárias locais, expressadas, por exemplo, em provérbios, representam importantes fenômenos ideológicos (macro) que devem ser explicados. Tais normas podem atuar de modo semelhante em outros tipos de interação face-a-face (e.g., professor-aluno, médico-paciente¹⁰) e devem ser interpretadas como "metáforas de ideologias particulares", como sugere Candlin (1983 - ver acima). Considero que é tarefa do

analista do discurso explicar essas "metáforas" ou ideologias em uma abordagem verdadeiramente crítica e explanatória.

NOTAS

- (1) Agradeço aos Professores Christopher N. Candlin e Marilyn Martin-Jones, da Universidade de Lancaster (Grã-Bretanha), que orientaram, com dedicação, a pesquisa apresentada aqui. Agradeço também ao CNPq o financiamento da pesquisa. Finalmente, agradeço aos membros do Conselho Editorial de D.E.L.T.A. cujos comentários foram valiosos para a redação final deste artigo.
- (2) Emprega-se o termo "ideação" com referência à redução dos fenômenos a suas essências ("redução fenomenológica"), consideradas "irrealidades" por alguns filósofos (ver Abbagnano, 1982: 416).
- (3) Willis (1980: 90) mostra a necessidade de uma "confissão teórica":
- "It is indeed crucial that a qualitative methodology be confronted with the maximum flow of relevant data. Here resides the power of the evidence to 'surprise', to contradict, specific developing theories. And here is the only possible source for the 'authenticity', the 'qualitative feel', which is one of the method's major justifications. It is in this area — short of any challenge to one's world view — that there is the greatest possibility of 'surprise'."
- (4) Feibleman (1960: 122) dá um exemplo de "abdução":

"If we enter a room containing a number of bags of beans and a table upon which there is a handful of white beans, and if, after some searching we open a bag which contains white beans only, we may infer as a probability, or fair guess, that the handful was taken from this bag."

Ao contrário da indução, na "abdução", trabalha-se, inicialmente, com hipóteses *inferidas da observação* de casos particulares ("a handful of white beans"). Essas hipóteses, por sua vez, podem ser reformuladas, à medida em que um número maior de casos seja observado. Esse último aspecto distingue a "abdução" da dedução.

- (5) Fairclough (1984) propõe a noção de "formações discursivas-ideológicas", um recurso explanatório do discurso em instituições sociais. Uma instituição social, segundo Fairclough, tem "formações discursivas-ideológicas" diferentes (e conflitantes) mas apenas uma dessas "formações" é dominante. Caracteriza-se uma "formação discursiva-ideológica" dominante por sua capacidade de "naturalizar ideologias" ou torná-las discurso comum não-ideológico. Um ponto que se pode acrescentar à conceituação de Fairclough é que as "formações discursivas-ideológicas" são produtos de *condições culturais específicas*.
- (6) Emprego o gênero feminino porque a grande maioria de informantes é de mulheres, tanto na produção quanto na recepção das práticas. Para uma descrição detalhada das benzedeadas e clientes e dos processos de iniciação, ver Magalhães, 1985, cap. 1.

- (7) Ver a definição de *social network* em Milroy (1980: 45). Tipos semelhantes de "redes sociais" foram encontrados por Bortoni-Ricardo, da Universidade de Brasília, em Brasília-DF (Bortoni-Ricardo, 1983).
- (8) A grande maioria das benzedadeiras nunca tinha visto um gravador. Por isto, elas demonstravam curiosidade pelas gravações. Uma delas reclamou, uma vez, que eu esquecera de levar a fita para que ela ouvisse sua voz gravada.
- (9) Segundo Labov (1981: 3), o "vernáculo" é a variedade linguística adquirida pelos falantes antes da adolescência.
- (10) Ambas as interações estão sendo investigadas na Universidade de Brasília (Magalhães, em andamento).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. (1982) *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2^a ed. São Paulo: Mestre Jou.
- BAILEY, K. D. (1978) *Methods of social research*. Londres: Collier-Macmillan.
- BLOM, J. P. & J. J. GUMPERZ (1972) "Social meaning in linguistic structures: Code-switching in Norway". In: Gumperz, J. J. e Hymes, D. H. (eds.) *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, pp. 407-34.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (1983) "Urbanization of rural dialects in Brazil". Universidade de Lancaster, Inglaterra, Tese de Doutorado. (A aparecer, Cambridge University Press).
- BROWN, P. & S. LEVINSON (1978) "Universals in language usage: Politeness phenomena". In: Goody, E. N. (ed.) *Questions and politeness: Strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 56-289.

- CANDLIN, C. N. (1983) "Beyond description to explanation in cross-cultural discourse". In: Smith., L. (ed.) *Proceedings of the East-West Center Conference on Discourse across Cultures*. Honolulu 1983.
- CANDLIN, C. N. e J. L. LUCAS (1984) "Modes of conselling in family planning". Universidade do Havaī em Manoa. Trabalho não publicado.
- CHAUI, M. de S. (1981) *Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas*. 2a.ed. São Paulo: Editora Moderna.
- CICOUREL, A. V. (1980) "Three models of Discourse Analysis: The role of social structure". *Discourse processes* 3: 101-32.
- _____ (1973). *Cognitive sociology*. Harmondsworth: Penguin.
- _____ (s.d.) "Discourse, autonomous grammars and contextualized processing of information". Universidade da Califórnia, San Diego. Trabalho não publicado.
- COHEN, L. e L. MANION (1980) *Research methods in education*. Londres: Croom Helm.
- DENZIN, N. (1970) *The research act in sociology: A theoretical introduction to sociological methods*. Londres: The Butterworth Group.
- DURKHEIM, E. (1954) *The elementary forms of the religious life*. Londres: Allen and Unwin. Nova Iorque: Macmillan. [1912].
- EDMONDSON, W. (1981) *Spoken discourse*. Londres: Longman.
- FAIRCLOUGH, N. L. (1984) "Critical and descriptive goals in Discourse Analysis". Universidade de Lancaster, Inglaterra. Trabalho não publicado.
- FEIBLEMAN, J. K. (1960). *An introduction to Peirce's philosophy*. Londres: George Allen and Unwin.
- FORTESCUE, A. e J. B. O' CONNELL (1962) *The ceremonies of the Roman rite described*. Londres: Burns and Oates.

- GEERTZ, C. (1978) *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar [1973].
- GUMPERZ, J. J. (1982a) *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (ed.) (1982b) *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLY, L. e M. STUHLIK (1983) *Actions, norms and representations: Foundations of anthropological inquiry*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HYMES, D. (1974) *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. Londres: Tavistock [1977].
- (1967) "Models of the interaction of language and social setting". *Journal of social issues* 23 (2): 8-28. (Reproduzido sob o título "Models of the interaction of language and social life" in Gumperz e Hymes (eds.) (1972), op cit., pp. 35-71.)
- KING, R. (1979) *All things bright and beautiful?* Chichester: John Wiley.
- LABOV, W. (1981) "Field methods of the project on linguistic change and Variation". *Sociolinguistic working paper 81*. Southwest Educational Development Laboratory. Austin, Texas.
- (1972) "Some principles of linguistic methodology". *Language in society* 1: 97-120.
- (1966) *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics. [1982].
- LABOV, W. e D. FANSHEL (1977) *Therapeutic discourse*. Nova Iorque: Academic Press.
- LEACH, E. (1968) "Ritual". In *International encyclopedia of the social sciences*. Vol. 13. Ed. D. L. Sills. The Macmillan Company, The Free Press, pp. 520-26.
- LEVINSON, S. C. (1983) *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

- MADGE, J. (1953) *The tools of social science*. Londres; Longman [1975].
- MAGALHÃES, M. I. S. (1985) "The Rezas and Benzeções: Healing speech activities in Brazil". Universidade de Lancaster, Inglaterra, Tese de Doutorado. Não publicada.
- _____ (1982) "'Com dois pês, com três eu tiro': O discurso das benzeções". *Anais do VII. Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro, PUC.
- _____ (em andamento). "A interação médico-paciente". Universidade de Brasília.
- MALINOWSKI, B. (1935) *Coral gardens and their magic: The language of magic and gardening*. Vol. 2. Londres: George Allen and Unwin.
- MERTON, R. K. e P. L. KENDAL (1946) "The focused interview". *American journal of sociology* 51: 541-57.
- MILROY, L. (1980) *Language and social network*. Oxford: Basil Blackwell.
- MILROY, L. e S. MARGRAIN (1980) "Vernacular language loyalty and social network". *Language in society* 9: 43-70.
- PEIRCE, C. S. (1933-1960) *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. 3. Eds. C. Hartshorne e P. Weiss. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- SACKS, H., E. A. SCHEGLOFF, e G. JEFFERSON (1974) "A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation". *Language* 50 (4): 693-735.
- SINCLAIR, J. McH. e _____ (1975) *Towards an analysis of discourse: The English used by teachers and pupils*. Londres: Oxford University Press.
- SOUZA, D. M. de (1983) "Action-guiding language". *Journal of pragmatics* 7: 49-62.
- STUBBS, M. (1983) *Discourse analysis: The*

sociolinguistic analysis of natural language.
Oxford: Basil Blackwell.

VAN DIJK, T. A. (1981) "Episodes as units of discourse analysis". In: Tannen, D. (ed.) *Analyzing discourse: Text and talk*. Georgetown University Round Table on Language and Linguistics. Washington: Georgetown University Press, pp. 177-95.

(1977) *Text and context: Explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. Londres: Longman.

WIDDOWSON, H. G. (1979) *Explorations in applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

WILLIS, P. (1980) "Notes on method". In: Hall, S., Hobson, D., Lowe, A. e Willis, P. (eds.) *Culture, media, language*. Londres: Hutchinson.